



QUAL PALAVRA SELECIONAR E COMO ORGANIZAR?

Thais Regina Santana da Silva ¹; Ana Paula Vila Labigalini²

RESUMO: Esta pesquisa discute questões voltadas para a área da Neurolingüística baseada na abordagem discursiva, de interesse da Fonoaudiologia e da Neurolingüística, denominada área Pragmática da Neurolingüística. O objetivo desta pesquisa é obter dados de parafasias fonológicas em situações interacionais durante as atividades em grupo, para serem analisados e comparados com dados desde o início da terapia em grupo, com o intuito sua reorganização discursiva, sendo que os dados coletados são do sujeito A diagnosticado com afasia. Os resultados apontam que o sujeito produzia parafasias fonológicas com e sem o prompt inicial, além disso, em certas ocasiões precisou dos processos de significação não verbais até chegar a produzir a palavra alvo, sendo esse um percurso único que varia de acordo com cada sujeito discursivamente.

PALAVRAS CHAVES: afasia; linguagem; parafasia fonológica.

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa discute questões voltadas para a abordagem discursiva, de interesse da Fonoaudiologia e da Neurolingüística, denominada por Morato (2001) como sendo uma área Pragmática da Neurolingüística, sendo o foco o sujeito, esclarecendo até o que a família antes pensava que era só o trabalho do fonoaudiólogo, pois dentro da clínica é necessária uma orientação à família, mesmo o sujeito sendo adulto, pois muitas vezes nem o fonoaudiólogo e nem o sujeito com afasia darão conta sozinhos de percorrer outros caminhos lingüísticos sem a família o tempo todo auxiliando, até porque o cérebro está o tempo todo em funcionamento, só basta exercitá-lo lingüisticamente, e para isso é muito importante a presença da família como mediadores nesse processo. Aos poucos a dimensão desta pesquisa também vai atingindo a sociedade pelo fato da incidência de Acidente Vascular Encefálico (AVE) ser grande pelo estilo de vida do homem na modernidade, quanto à alimentação, diabetes, obesidade, hipertensão, atividades físicas e ao sedentarismo. Todos esses fatores serão refletidos em possíveis alterações fonoaudiológicas, pelo fato da afasia ser causada por lesões cerebrais.

Para a Fonoaudiologia muitas vezes não importa a classificação da afasia, embora seja necessário para a formação como profissional saber desses conceitos, mas mesmo assim esses não contribuem para o processo terapêutico, pelo fato de que as estratégias da terapia têm que fornecer possibilidade lingüística e não dificultar o processo de reconstrução de caminhos alternativos de comunicação. Levando em conta a singularidade do sujeito, nem sempre vai apresentar os sinais esperados de acordo com o

-
1. Acadêmico do Curso de Fonoaudiologia do CESUMAR - Centro Universitário de Maringá, Maringá-PR. tatinha.santana19@hotmail.com
 2. Docente do curso de Fonoaudiologia do CESUMAR, Maringá - PR; especialista em Distúrbios da Comunicação Humana - EPM/ UNIFESP e mestranda em Lingüística na UNICAMP - Universidade de Campinas. anavila@cesumar.br

local da lesão, justamente porque o cérebro funciona como um todo, sendo que se uma área for lesada, logo outra vai compensar as alterações e o sujeito vai percorrer outros caminhos lingüísticos.

A Neurolingüística surgiu de uma trajetória histórica que Morato (2001) diz ser da Afasiologia, primeiramente com Gall, depois com Broca, até que veio Freud dizendo que cérebro e linguagem são distintos, mas estão inter-relacionados, então surgiu Jakobson, trazendo uma visão lingüística das afasias. Então pode-se diferenciar através de Coudry (2001) que a Neurolingüística tradicional preocupava-se somente em classificar as afasias e definir o local da lesão, além de ver as alterações na linguagem como exclusivamente de ordem gramatical. Na Neurolingüística com uma perspectiva discursiva analisa-se as interações, o discurso e o funcionamento da linguagem.

Como referiu Kagan (1997) em seus estudos sobre a afasiologia de Lúria, esse foi um dos autores que também contestou esta teoria localizacionista, que considera que o cérebro possui áreas que funcionam separadamente, mas estas se unem como se fosse um sistema funcional único. Assim como refletiu Santana (2001) em seus estudos, os testes não dão conta de toda a complexidade da linguagem, além disso, estamos em processo de aprendizagem contínuo da linguagem.

Por exemplo, Ortiz (2006) em sua pesquisa afirmou que a escolaridade influencia no teste Beta 86 (protocolo Mt modificado) independente se ele tiver ou não patologia, pois as pessoas não alfabetizadas tiveram um mau desempenho neste teste. Coudry (2002) diz que deve-se descartar os testes também em casos de afasia, pois na afasia há sujeito, mesmo que ora apresente um estranhamento (sujeito 1) e ora se auto corrija (sujeito 2), mas mesmo assim escuta e compreende tudo a sua volta, sendo que o importante são os processos de significação verbais e não verbais que apresenta.

Todavia, não se pode dizer que a afasia é uma alteração motora, pois assim como referiu Coudry (2001) a afasia é uma alteração na linguagem tanto no nível interpretativo e produtivo, causada por lesão adquirida no Sistema Nervoso Central.

Hage (2001) fez muitas críticas à avaliação através de teste padrão dizendo que é dada muita importância às estruturas lingüísticas, não servindo para avaliá-lo na ausência da oralidade, além de não serem contextualizados. Poder-se-ia dizer que no caso das Parafasias Fonológicas os testes não dariam conta da avaliação por causa dos motivos citados por Hage acima, principalmente por apontarem como fator principal somente a dificuldade na estrutura gramatical, pois esses tipos de parafasias são alterações na comunicação que o indivíduo com afasia pode apresentar de acordo com Jakobson (2001) no eixo sintagmático (contigüidade) com relação à combinação das palavras.

Possenti (1996) diz que na análise do discurso o importante é valorizar o sujeito e não marginalizá-lo por não fazer o uso correto da língua. Desse modo, Freire (1997) diz que a prática terapêutica deve-se basear em práticas discursivas, pois o caminho lingüístico só se faz dentro da linguagem e não através de treinamentos de atos motores da fala. Uma das estratégias que poderia ser utilizada seria o *prompting* oral, segundo Coudry (2001), sendo esse um apoio ao segmento da fala, tendo como uma de suas funções evitar o silêncio prolongado.

O objetivo desta pesquisa é obter dados de parafasias fonológicas no discurso do sujeito em situações interacionais durante as atividades em grupo, para serem analisados e comparados com dados desde o início da terapia em grupo, com o intuito de observar o percurso e a evolução lingüística do sujeito baseando-se na abordagem discursiva, quanto a como o sujeito seleciona e combina elementos incorporando assim uma organização discursiva.

2 MATERIAL/ MÉTODO

Esta é uma pesquisa qualitativa com enfoque na evolução do sujeito A de 65 anos do sexo masculino durante o processo terapêutico em grupo, que teve um acidente vascular encefálico isquêmico, que causou uma lesão cerebral na região temporoparietal esquerda tendo como consequência a afasia. Esta pesquisa foi realizada na Clínica Escola de Fonoaudiologia do CESUMAR (Centro Universitário de Maringá), localizada na região norte do Paraná, sendo realizada uma vez por semana durante uma hora e trinta minutos no Grupo de Orientação e Integração de Afásicos (GOIA). Foi realizado o levantamento de literatura seguido de técnicas de leitura, resumos, resenhas, comentários e críticas dos textos, livros, revistas e artigos científicos, sites de pesquisa. Logo após, foi realizado a procura pelo sujeito A, seu agendamento no GOIA para a coleta de dados em situações interacionais em grupo no final de cada sessão e possíveis análises de seu discurso. Sendo que durante a terapia, foram utilizadas estratégias com atividades verbais e não verbais que façam sentido para o sujeito, ajudando no processo de reconstrução do discurso com o objetivo de privilegiar o exercício efetivo das práticas linguísticas cotidianas e dos processos alternativos de significação, logo após, foi realizada a discussão de caso.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Esses dados são do dia 09/ 05/ 2007, na qual foi realizada a atividade de propriocepção, trabalhando com os seguintes sentidos: tato, paladar e olfato, com a mediação das investigadoras (Inv ap e Invt) durante a interação com o sujeito A..

Tabela 1: Bolso.

interlocutor	Processo de Significação verbal	Processo de significação não verbal
Inv ap:		Fez imitação do bolso colocando a mão no bolso do jaleco.
A	Polno, pulso, bolso.	

Fonte: GOIA (Grupo de Orientação e Integração de Afásicos).

Nesse momento o sujeito fez parafasias fonológicas sem o *prompting* oral até chegar na palavra alvo, sendo que seu percurso foi mais rápido em comparação com outros dados a seguir, devido a seguinte suposição de que como trabalhava como alfaiate costurando tapetes, seja mais significativo a palavra bolso, por isso teve um percurso rápido até chegar nessa palavra, mesmo tendo uma persistência quanto ao traço de sonoridade, no caso foi [p], menos sonoro, e [b], mais sonoro.

Tabela 3: Joelho.

Interlocutor	Processo de Significação Verbal	Processo de Significação não Verbal
Invt:		Fez a imitação do joelho colocando a mão em cima deste.
A:	É, é...	Imitando esse mesmo gesto.
A:	Calça, não, não... eu sei.	angustiado
Invt:	J, j, Jo...	Fazendo o <i>prompting</i> oral inicial.
A	Cocô, dedo, foleiro, delho, joelho	Sorrindo.

Fonte: GOIA (Grupo de Orientação e Integração de Afásicos).

O dado acima demonstra a reflexão linguística realizada pelo sujeito, pois a investigadora apontava com a mão para o joelho e ele disse calça, pensando que era realmente, depois viu que não era e começou a pensar. Como estava angustiado, a investigadora fez um *prompting* oral inicial, mas ajudou a desencadear no sujeito parafasias fonológicas, sendo que o percurso para chegar na palavra alvo foi maior que o

dado anterior, mas houve uma persistência quanto ao fonema [λ] da palavra “joelho”.

Tabela 4: Barbeador.

Interlocutor	Processo de Significação Verbal	Processo de Significação não Verbal
Inv ap:		Fez imitação do barbeador, fazendo a ação de se barbear com a mão.
A:	É, é	Imitou o mesmo gesto de se barbear várias vezes.
Inv ap:	B, b, ba...	Fez o <i>prompting</i> oral inicial.
A:	Balera, maneira, rosto, larda, carqueiro, barbeador.	
A:	Barbeador!	Entonação de conteúdo

Fonte: GOIA (Grupo de Orientação e Integração de Afásicos).

Nesse dado, o sujeito precisou do *prompting* oral inicial para realizar as parafasias fonológicas, surgindo junto com parafasias semânticas (palavras do mesmo campo semântico), por exemplo, disse “rosto”, pois é o local de se barbear e não porque a investigadora estava fazendo o movimento de se barbear no rosto. Além disso, precisou repetir o gesto junto (processo de significação não verbal), logo refletiu, para depois começar a fazer as parafasias fonológicas e chegar à palavra alvo. Além disso, demonstrou segurança, capacidade e auto estima, demonstrando que há sujeito mesmo tendo patologia.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que as parafasias fonológicas surgem durante a interação com e sem *prompting*, sendo um processo de reflexão que o cérebro se encontra para associar informações recentes com conhecimentos adquiridos anteriormente à lesão cerebral, o que impõe ao sujeito a condição de reconstrução de processos de significação verbais e não verbais, pois tanto sua família e a sociedade exigem isso de todos, desmistificando que a afasia não é uma questão só motora dependendo do local da lesão, mas uma questão de processamento da linguagem, sendo determinada socialmente e culturalmente, dessa forma vale ressaltar que esse sujeito conseguiu gradualmente organizar seu discurso, com e sem ajuda do *prompting*, e até mesmo a usar outros meios de comunicação, enfatizando que a atividade trabalhada discursivamente com mediação forneceu possibilidades lingüísticas para o sujeito, pois os objetos que foram imitados eram simples e de seu cotidiano.

Essas estratégias elaboradas na clínica fonoaudiológica acabam incentivando os sujeitos de alguma forma a pôr em funcionamento a linguagem e as vias cerebrais acessíveis ou no que se diz respeito a melhorar as vias que estão apresentando dificuldades, não necessariamente priorizando a oralidade, até porque existem outros meios de se comunicar, como gestos, expressões faciais e até mesmo o silêncio quando necessário de acordo com a situação interacional, isso faz com que a visão da própria família mude, sendo mais perseverativa quanto ao tratamento e a essa reconstrução de caminhos diferentes que o sujeito passa, a fim de simplesmente conviver em um meio social que exige muito de todos, o que os testes não proporcionam e sim exclui. Na avaliação por testes esses caminhos não são aceitos e possíveis, são vistos como “erros”, sendo que na verdade são hipóteses lingüísticas (re) organizacionais, pois fazem reflexão da própria Linguagem. Na afasia há sujeito e Linguagem, cujo respeito de troca de turnos durante a interação torna o acesso lexical possível.

REFERÊNCIAS

COUDRY, Maria Irmã Hadler. *Diário de Narciso - discurso e afasia*. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, p. 3- 205, 2001.

COUDRY, Maria Irmã Hadler. *Linguagem e Afasia: uma abordagem discursiva da neurolingüística*. Campinas - São Paulo: Caderno de Estudos Lingüísticos, n° 42, jan/ jun, p. 99-129, 2002.

FREIRE, Maria Regina. *A Linguagem como Processo Terapêutico – sócio- construtivismo - interações eficazes*. São Paulo: Plexus, p. 5- 15, 1997.

HAGE, Simone Rocha de Vasconcelos. *Avaliando a Linguagem na Ausência da Oralidade - estudos psicolingüísticos*. Edusc (Editora da Universidade do Sagrado Coração). Bauru - São Paulo: Coleção Educar. p. 9-89, 2001.

JAKOBSON, Roman. *Lingüística e Comunicação*. São Paulo: Cultrix, 1ª ed. p.7- 172, 2001.

KAGAN, Aura; Saling, Michael M. *Uma Introdução a Afasiologia de Lúria: teoria e aplicação*. Porto Alegre: Artes Médicas, p.19-34, 1997.

MORATO, Edwiges. *Neurolingüística*. In: MUSSALIN, Fernanda. *Introdução à Lingüística: domínios e fronteiras*. São Paulo: Cortez, v.2, p.143-170, 2001.

ORTIZ, Karin Zazo; Ferreira, Cíntia Preto. *Aplicação do Teste Beta 86 (Protocolo Mt Modificado) em Analfabetos*. São Paulo: Fono Atual, v. 35, n°8, jan/ mar, p.65-73, 2006.

POSSENTI, Sírio. *O Dado Dado e o Dado Dado (o dado em análise do discurso)*. In: Castro (Org) – *O Método e o Dado no Estudo da Linguagem*. São Paulo: UNICAMP, p. 195-206, 1996.

SANTANA, Ana Paula. *Distúrbios da Comunicação*. São Paulo. Cap.13. v.1, dezembro, p.161-174, 2001.